

graciano **oito**

Junho de 2012
ISSN: 2179-1031





oito

O primeiro verso do poema “Ritual ‘nos entraillessont transparentes commelesprotozoaires’ Tzara”, escrito nos anos 60 por Arlindo Castro já afirmava: “Há um espaço desconhecido/ obscuro em faíscas” para em seguida lançar a provocação: “a lógica se perde em um canto/ onde dorme um cão cego/ o cão sonha caminhos/ que não conhecemos”. Estas palavras estão no volume mimeografado Artíficos (1967), lançado de forma artesanal

pelo multimidiático (poeta, professor, videomaker, músico e agitador cultural) Arlindo, numa época de profunda efervescência no cenário cultural capixaba. Fui apresentado a esses textos pelo Nenna (outro multimidiático), quase dez anos atrás, com a missão de levá-los a público - e não é que justo a novíssima geração redescobriu a literatura de Arlindo? Marcel Martinuzzo organiza um interessantíssimo dossiê, num diálogo entre as inquietações de dois jovens - separados no tempo por quatro décadas e meia.

Aliás, inquietação é a nossa palavra-chave. Você, leitor já acostumado às experimentações da Graciano, será convidado, a partir deste número, a compartilhar de nossos desassossegos literários (e visuais) em uma escala mais intensa. Com esta oitava edição, nossa revista assume-se mais como um projeto autoral, traduzindo uma série de transformações pelas quais o Cronópio tem passado: a cada dia, mais e mais nos assumimos como um coletivo que não somente pensa e discute o fazer literário, mas também busca vivenciá-lo intensamente - e isso tem se revelado no aumento vertiginoso da produção textual de cada integrante.

Por isso mesmo, é com grande orgulho que anunciamos que a nossa Valise (até então a única sessão dedicada a nossos textos literários) não se conteve e contagiou todas as páginas da revista: tanto que cada um de nós assina uma sessão própria, em conjuntos de textos que traduzam o melhor de nossas recentes safras. Sim, este é mais um passo no processo de nos afirmarmos como um núcleo de produção literária. Daí uma única valise não ser mais suficiente. Daí também começarmos a realizar saraus literários, como o Atrocidade! (cujas fotos vocês conferem nesta edição). Daí experimentarmos com o vídeo, com ensaios fotográficos, com stickers, e o que mais vier pela nossa frente.

Claro que esta edição também traz ensaios, entrevistas e outros relatos - afinal, tudo que deixa os Cronópios inquietos merece ser debatido e apresentado. Temos uma entrevista que a Livia Corbellari fez com a Viviane Mosé, por ocasião do lançamento de seu mais recente livro). E também estreia uma sessão denominada “As bordas da literatura”, na qual pretende explorar possíveis interfaces existentes entre a palavra e o trabalho de outros artistas que não os escritores, garimpados nas andanças de Sidney Spacini por aí- e o primeiro ensaio é dedicado ao pintor baiano Washington Arléo.

Nossa ideia, com essa nova cara da Graciano, é compartilhar com vocês, cada vez mais, de todo um conjunto de referências que nos inspira e nos faz produzir e criar. Afinal, somos todos palavras - e também imagens.



os editores



Literatura brasileira feita no Espírito Santo

GRACIANO

Literatura brasileira feita no Espírito Santo
Junho de 2012. Ano II, nº 8.

EQUIPE EDITORIAL

Erly Vieira Jr, Gabriel Ramos, Leandro Reis,
Leticia Comério, Lívia Corbellari, Lucas Pinhel,
Marcel Martinuzzo, Sidney Spacini e Stefânia
Masotti.

ORIENTADOR

Erly Vieira Jr.

DIAGRAMADORES

Lívia Corbellari, Lucas Pinhel e Sidney Spacini.

PROJETO GRÁFICO

Isabella Mariano, Lívia Corbellari, Lucas Pinhel
e Sidney Spacini.

REVISÃO

Erly Vieira Jr.

Capa: Lucas Pinhel

sumário

leandro reis	VILLA-BORGHESE	6
erly vieira jr	OUTRA VEZ	10
livia corbellari	ESTILHAÇOS	20
livia corbellari	ENTREVISTA	24
gabriel ramos	LAVOURA	28

lucas pinhel

RESTO

38

sidney spacini

**AS BORDAS DA
LITERATURA**

42

sidney spacini

ELEFANTES

48

stefânia masotti

CIRANDA

50

marcel martinuzzo

DOSSIER

54

marcel martinuzzo

VOLTA

64

SARAU #1

68

VILLA BORGHESE

por Leandro Reis

Chuvas de Janeiro

Inspirado em “Luz e Sombra”, de Caio Fernando Abreu

Sei que talvez possa não haver sentido algum nisso, mas eu preciso de algo que me tire desta janela. É uma espécie de ponto de partida, um mirante, onde se observam as paisagens, as construções. Daqui, à direita, especialmente as desconstruções: a cama; que é, em si, um lugar demasiado clichê para se recordar afetos, mas é certo que se traduz também em dimensão de maior sinceridade entre duas carnes. Os sonhos, aqui, agora numa cama cada vez mais larga, eram plataformas de troca – mãos involuntárias agarradas em atos urgentes; não eram invenções, elas já estavam lá, sem criador ou criatura, apenas as descobrimos. Isso, a plataforma, o afeto, a sinceridade, para nossa sorte, não precisa de nenhum dos dois para existir.

Mas eu falava da janela. A morte, a loucura, alguma delas vai me atingir através destas vidraças. Toda vez que eu olho aqui para trás - entre a mesa e a porta - há um vácuo, uma fresta contaminada pelas incessantes idas e vindas. Me dá náuseas, me faz tremer, encher outro copo, fumar trinta cigarros e fugir de todos os livros que você me deu e eu não posso mais ler. Eles sentam, esperam, apodrecem e secam.

Acho que é uma viscosidade que adquiri com o tempo – ou melhor, que você adquiriu em mim: te usar como

início, meio e fim, minha interlocutora onipresente. Chego a pensar em costurar o meu futuro para te colocar entre as pregas, congelada, que seja, para construir um ziguezaguear perfeito, singular. Eu poderia tirar a sua carne com uma pinça, em pedaços simétricos, e pousar um a um dentro do meu corpo, entupindo as artérias, engolindo o fígado, corroendo os pulmões.

Eu coloco, quando me cansa o ato de olhar pela janela em silêncio, alguém para sussurrar em meu lugar. São aqueles discos leves que eu deixo bem baixinho tocando, às vezes não dá nem para distinguir o som do silêncio e eu não olho para não saber se acabou, para não me certificar; prefiro não me certificar de nada, na verdade.

Quando bebo muito, costumo ter umas visões – não sei bem se são visões ou sonhos de embriaguez, mas estamos numa daquelas festas de criança junto com aquele monte de gente sem nome. É verão, sei que é porque está escuro, mas abafado, e chove muito lá fora, daquelas tempestades passageiras, daqueles dilúvios que só caem para escorrer as nossas culpas e preceder um sol noturno – é para isso que serve o verão, afinal, para nos redimir. É assim que se sente este bêbado nesses sonhos em família, quando ele poderia ter brincado um pouco mais com seus irmãos, conversado um pouco mais com o seu pai sobre qualquer coisa que ele fingisse que entendia, segurado na sua mão enquanto as pessoas desconhecidas falam com a gente e você me apresenta com um interesse tão ingênuo. O típico interesse que transcende a finitude das coisas, ou que finge que o tempo não corre e leva junto o que deixamos pelo caminho.

Eu sei que poderia haver um sentido quando você me olha deste jeito, no meio de tanta gente que esteve com você a vida inteira, e você me dá esse canto de olho positivo, eu sei, sei por um momento que você me tiraria daqui desta janela. Sei que você me tiraria daqui e me levaria para algum lugar com música, longe deste quarto onde eu só consigo ouvir os meus ruídos internos. Não consigo ver, às vezes, em meio à embriaguez, o seu rosto: ele fica coberto pelos cabelos. Eu sei, é claro, que se você pudesse, voltaria para me carregar, mas o amanhã não pode chegar, ele sempre vem apenas para preceder outro amanhã e eu não posso mais deixar que ele faça isso.

Você vai me beijar agora, chove muito, estamos em algum canto deserto da festa e eu ouço a música alta, o separar das vozes, o quebrar dos copos, sinto a fumaça nos olhos e volto para cama, para casa, onde tudo é bagunça, histeria. Nada está arrumado e nada está fora do lugar. E aqui estou, na janela, muito jovem para inalar a boa cocaína dos setenta, muito velho para ouvir os pais sobre o amor incondicional, sobre o não importa o quê. Muito chapado, alcoólatra, desmemoriado para compreender os gestos curtos e os sorrisos largos, os lábios nos lábios em busca de palavras compartilhadas. Muito; muita percepção, muito silêncio incompreensível. Uma fração de segundo honesta, um olhar sobre a realidade que se perde a cada cena metálica. E aqui estamos, amém, como nos fizemos: completamente mortos sob uma janela inalterada. Berram, pela fresta, entre a mesa e a porta. Eu também gostaria de gritar, mas a fala em si é uma arte suja, desobediente; eu escrevo, aqui, mas sei que nem você nem ninguém pode me ouvir.



A vida suspensa

Leandro Reis

Assim que fechamos os olhos e o espetáculo do sono começa, a desconexão da realidade nos leva a um patamar de infinitas possibilidades: a existência dentro dos sonhos, a atividade lisérgica de viver uma realidade autodeformante. O corpo, mero espectador, no máximo vira-se de um lado para o outro enquanto o espetáculo continua atrás das retinas.

Este estado catatônico a que o corpo é submetido durante a aventura do sono, porém, faz-se presente também em dimensões opostas. No piloto-automático do cotidiano, como numa medida emergencial, nosso corpo permanece refém de um dublê fantasmagórico que comanda os gestos enquanto a mente descansa, longe do trabalho, da família e da vida social turbulenta. Mas na catarse, quando não há mais espaços a se ocupar, recorreremos às muletas, às cadeiras-de-rodas. Consumo descontrolado, abusos químicos, intermináveis horas de trabalho, sexo a cada esquina: todas estas próteses estão disponíveis para que se deforme a realidade – como nos sonhos –, mesmo que por alguns instantes.

Mas há, também, quem não consiga se apoiar nas muletas por muito tempo – e nem sonhar o suficiente. Há quem não veja possibilidade alguma nos

itens que a realidade oferece. Há quem não consiga preencher os instantes, extensos, que precedem apenas outros instantes. Para estes inadequados, quando o cotidiano não basta, existe um caminho inexorável: a vida suspensa.

Lauro, o estrangeiro de Reino dos Medas

Suspensão nas linhas de Reino dos Medas está Lauro, um jovem pintor que vive a claustrofóbica sina da inadequação e caminha para a morte. Ele tenta pintar os amarelos, os laranjas, os vermelhos no centro da Vitória setentista, mas só lhe atingem os pretos e os cinzas do mundo. E Lauro não consegue suportar os cinzas e as cinzas dos homens.

A prosa ritmada, potente e densa de Reinaldo Santos Neves traduz a urgência de seus personagens, todos se movendo em torno da dor de Lauro, o estranho, o estrangeiro de Camus, que vaga por Vitória em busca de alguém que fale seu complexo idioma. A urgência está significada não só na estética textual, mas nos movimentos corporais do grupo de amigos que existe no livro – Reinaldo coloca uma lente de aumento tão eficaz em nossos olhos que quase vagamos também pelas ruas do Centro, com uma das mãos no ombro de Lauro –, sempre prestes a se tocarem.



No toque há também uma tensão sexual, mas o coito, ou a iminência dele, não é tratado como algo mundano; o sexo é místico, como uma porta de entrada para a libertação da existência, talvez por sabermos que a morte pode chegar a qualquer hora e levar tudo, como uma foice. Eles compreendem, tomados por uma consciência verdadeira de quem se depara com um chamado ao pé do ouvido, mesmo que seja de um ouvido alheio: o de Lauro. Amém, então, pois Lauro sabe – o maior problema talvez seja esse, a sua sabedoria – que nada se modificará após sua morte. Nossa existência é insignificante para o mundo até no nosso supremo momento; somos apenas nomes à espera do manto do tempo.

É arbitrário o dizer, mas mesmo que não soubéssemos logo nas primeiras linhas que Lauro vai morrer, é possível que o grande lamento que há no tom

da narrativa nos conduzisse a um fim previamente acordado, que não cederia a nenhum apelo. Lauro, em seus últimos momentos, tenta tirar os óculos para não enxergar o mundo, mas a tristeza já reside em seus olhos e o mundo começa a ir embora. As palavras – e o espaço entre elas – são como lamentos musicados pelo contrabaixo de Mingus; como Théo, o narrador-personagem, diz a sua interlocutora passiva: Lauro vai morrer, Lólia.

Reino dos Medas é triste e pesado; pesado talvez porque carregue uma noite inteira em claro que urge sobre os ombros das pouco mais de 200 páginas. Duzentas, muitas, talvez. Mas também é urgente a leitura, é como uma procissão pelo Centro de Vitória atrás da alma de Lauro, que já nos é íntimo desde o início do texto. Reino dos Medas é viagem rápida, em claro, dramática; que deixa cicatrizes.

Ele tenta pintar os amarelos, os laranjas, os vermelhos no centro da Vitória setentista, mas só lhe atingem os pretos e os cinzas do mundo. E Lauro não consegue suportar os cinzas e as cinzas dos homens.



outra vez #1
erly vieira jr





depois da chuva,

quem se habilita

a percorrer

suas próprias planíces de algodão?

mintto

outra vez #2
erly vieira jr



respiro

pausadamente

outra vez #3
erly vieira jr





como estrelas

trotam cavalos

tecendo a fábula da noite

A close-up photograph of a hand holding a glowing blue sphere. The hand is positioned at the top of the frame, with fingers wrapped around the sphere. The background is dark, making the bright blue light of the sphere stand out. The text "feito agulha" is overlaid on the upper right portion of the image.

feito agulha

A close-up photograph of a hand holding a glowing blue sphere. The hand is positioned at the bottom of the frame, with fingers wrapped around the sphere. The background is dark, making the bright blue light of the sphere stand out. The text "perfurando" is overlaid on the lower left portion of the image.

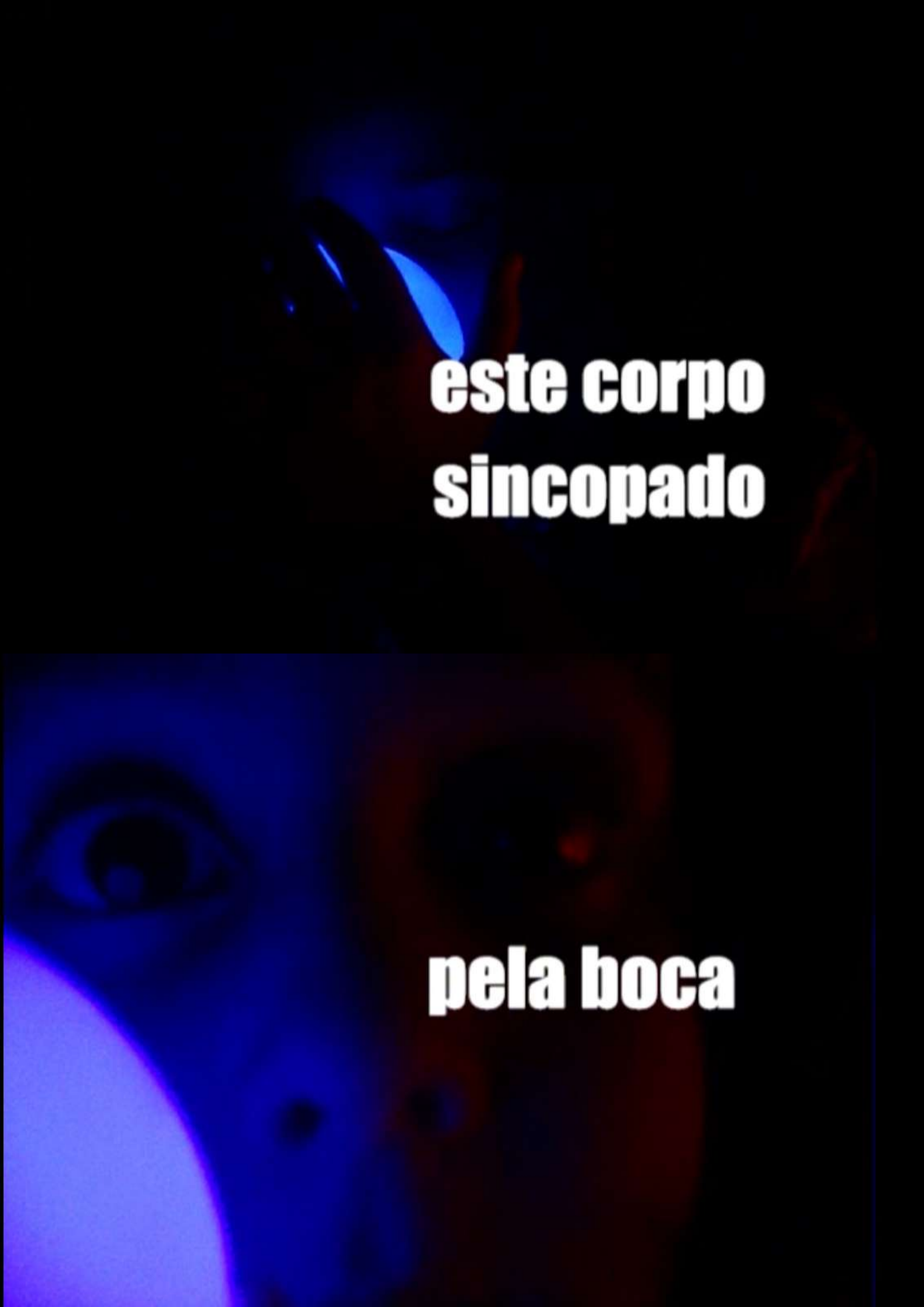
perfurando

outra vez #4
erly vieira jr



que costura

repetidamente



**este corpo
sincopado**

pela boca

The top half of the image features an abstract background with a vibrant green field on the left and a red field on the right, separated by a diagonal boundary. The text is centered in the green area.

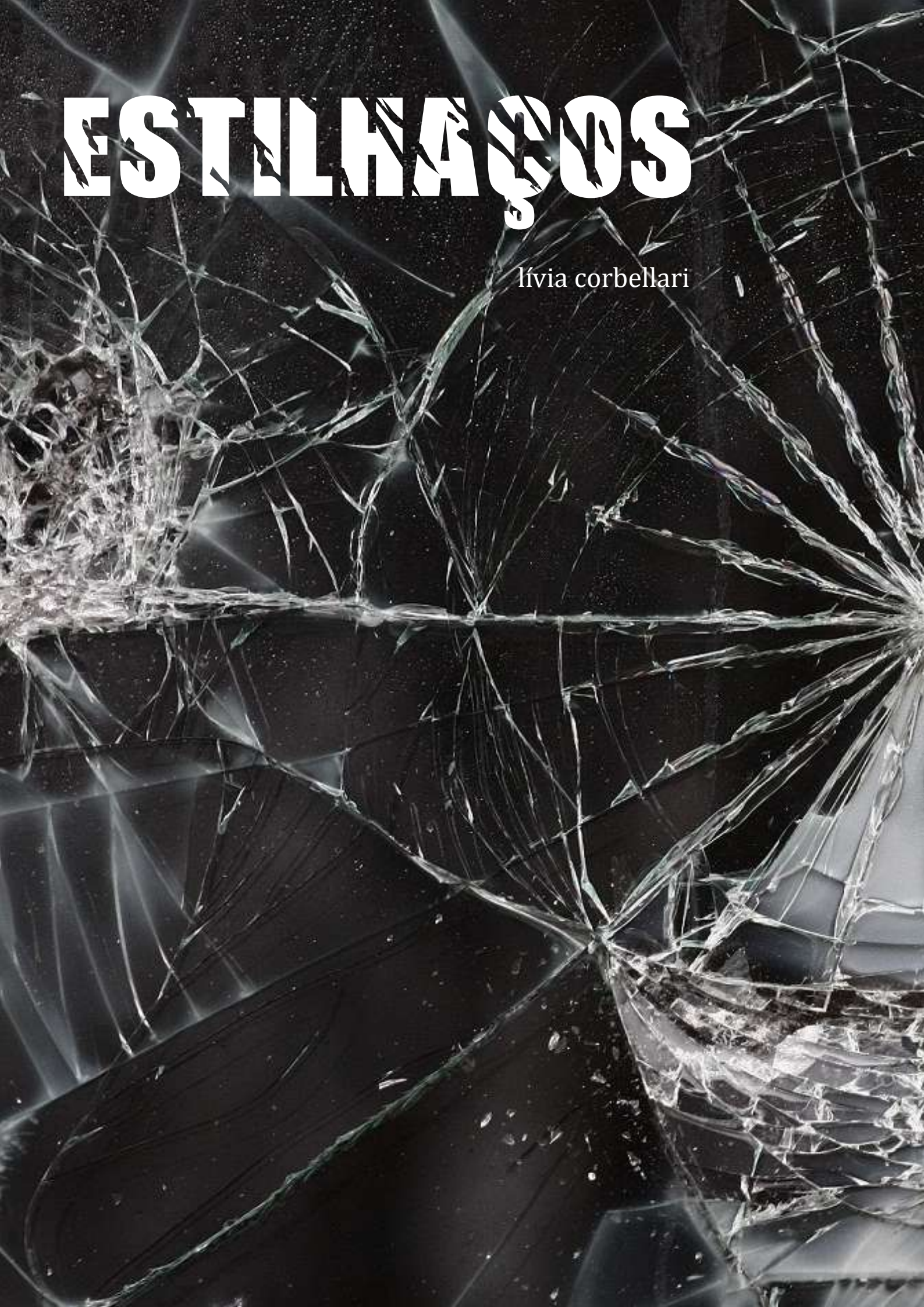
transborda os dias

inconclusa

Frames extraídos da série de videopoemas
Outra vez (2012), realizada por Erly Vieira Jr,
a partir de textos de sua própria autoria

ESTILHAÇOS

Ílvia Corbellari



Pernoite

sinto falta da chuva batendo na janela
daqui só vejo telhados
escuto barulhos sem origens

mas prefiro que a solidão me carregue
e o silêncio me trapaceie
do que descer e conversar com os surdos

as palavras escorrem pelos meus dedos
as lágrimas deitam no papel
lhe envio um envelope vazio
tudo o que você precisa saber está nas marcas que deixei na sua pele

de solidão e silêncio estamos cheios
somos feitos da falta
da falta de afeto
da falta de pessoas
da falta de paz
da falta de sexo
da falta de palavras

o que tenho mais medo

Sinto você
Sinto cada vez mais
Sinto muito



a palavra sempre foge
a palavra sempre
me deixa
só



Entrevista Viviane Mosé



“Escrever é lavar palavras na água que brota, invisível, todo dia do corpo, dos corpos, das intensidades. O poeta lava palavras no rio que separa a vida da morte”, define Viviane Mosé. Psicóloga, poeta e filósofa, Viviane nasceu e se criou no Espírito Santo, mas mudou-se para o Rio de Janeiro em 1992, aos 28 anos. “Fui em busca de desafios”, explica.

Sua poesia é simples e costuma se utilizar de aspectos do cotidiano sem perder a subjetividade e a reflexão. Como você balanceia esses dois aspectos?

Não vejo distinção entre cotidiano e reflexão, a grande reflexão que fazemos é sempre sobre a vida; as coisas simples são os maiores desafios que temos, por isso atuam sempre como impulsos para o pensamento elaborado. As mil voltas que fazemos nas erudições artísticas e filosóficas são úteis porque por meio delas fugimos do mais difícil e complexo que é exatamente o simples. Exatamente por eu ter uma formação erudita, busco o desafio da simplicidade, sigo o Nietzsche quando afirma que os poetas (e podemos incluir aí os eruditos) “turvam as águas para parecerem profundas”.

O tempo é outro tema recorrente. Como é a



Foto: Stefânia Masotti

sua relação com o tempo?

O tempo sempre aparece em meus poemas como amigo. Amo o tempo, adoro a maturidade, jamais sinto saudade da juventude, ao contrário, tenho muita admiração e simpatia pela velhice. Vivo o instante, sou uma pessoa que come, digere, engole os dias, os segundos, com a fome de quem ama. Um dia vou escrever um livro defendendo a idéia de que a melhor fase da vida, para quem viveu intensamente, é a velhice, por sua capacidade de contemplação, gesto que nos aproxima da plenitude.

Escrever é na verdade “lavar as palavras”?

Sim, escrever é lavar palavras na água que brota, invisível, todo dia, do corpo, dos corpos, das intensidades. O poeta lava palavras no rio que separa a vida da morte. Escrever é habitar o meio, entre o que foi e o que estar porvir;

escrever é reinventar a linguagem, desgastada pelos sentidos, pela moral, pelos interesses; é resgatar o pulso que existe sob todo código, sob toda palavra. E cada poeta encontra seu meio, sua forma, seu estilo.

Para que serve a poesia? Ela tem um papel na sociedade?

Não, a poesia não tem papel a não ser a folha em branco. A poesia é o exercício da liberdade, não pode existir como um compromisso ou com uma função social. Como diz Manoel de Barros, poeta que também muito me marcou, “a poesia é uma inutilidade”, caminha no domínio do inútil, por isso é livre e pode



voar fora da asa.

A poesia é o fundamento da vida, e é tão complexa que não cabe em um poema; um poema é uma construção de linguagem que busca tocar a poesia, às vezes consegue, mas nunca em sua totalidade; a poesia em sua grandiosidade é intocável, indescritível, como um fogo sagrado que a gente tangencia, mas não toca, apenas vislumbra. A poesia é o sentido primeiro de toda arte, de toda vida. Viver poeticamente é um talento raro, mas este é o alvo, lincar poesia e vida, vida e pensamento.

Além de Clarice Lispector, que aparece em um dos seus versos, quais as suas influências?

João Cabral de Melo Neto, Jorge Luis Borges e Guimarães Rosa na maturidade, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade na adolescência. Mas minha grande influência na poesia é a filosofia de Nietzsche, Schiller, Maurice Blanchot, Michel Foucault.

Como poeta e filósofa, até que ponto a filosofia influencia na sua criação? Isso ajuda ou atrapalha?

Ajuda muito, meu tema na filosofia é sempre a linguagem, Seus impasses, seus abismos, suas transgressões. Sou capaz de falar quatro horas seguidas, de improviso, sobre esse tema que muito me move. Eu na verdade escrevo movida pela filosofia e não pela literatura.

E fico muito honrada por ser hoje considerada como um expoente da nova poesia brasileira, porque de fato nunca tive esta pretensão, escrevo por necessidade, para dar vazão ao que em mim pulsa, como um vulcão em erupção e me impede de dormir, não escrevo para fazer parte da história da literatura brasileira. Já a filosofia me move socialmente, adoro interferir nos processos sociais, nas políticas públicas, especialmente em educação, por meio de meus estudos e análises filosóficas do contemporâneo. Poesia não, esta faço por puro amor.



Foto: Stefânia Masotti

O homem que Sabe (2012) apresenta um discurso raro, entre a filosofia e o poema, como se dá isso no livro?

O livro *O homem que Sabe* é a primeira tentativa de composição deste trabalho que não distingue muito filosofia e poesia, ainda não consegui o que almejo, mas no próximo livro acredito que seja ainda mais ousado. Só o tempo nos liberta da opinião dos outros e nos permite voar. Fiz 48 anos este ano e sei que os 50 chegarão com mais ousadia e coragem. Espero conseguir falar com liberdade sobre as questões que em mim a vida inscreveu, as impressões que com muito rigor e coragem fui tendo desta deliciosa trajetória que é viver. A formação acadêmica no Brasil é muito submissa, precisamos nos libertar de uma vez por todas desta castração intelectual. Eu busco ser ousada sem perder o rigor, o que é muito difícil, mas quem sabe um dia consiga.

Esse novo livro tem um teor acadêmico ou é uma reflexão sua?

Este livro é bastante acadêmico, mas não abre mão de uma interpretação muito pessoal minha. Ele está no meio, trata-se de uma tensão, de uma busca, e o resultado parece bom, já estamos na terceira edição em 4 meses. O que muito me

alegra e me impulsiona em direção a algo ainda mais desafiador. Em breve vocês verão.

Você nasceu em Vitória, como é voltar para o estado para o lançamento do livro? Gostaria de voltar mais vezes a cidade?


Eu não apenas nasci, mas me criei em Vitória, foi aí que aprendi as coisas mais importantes de minha vida. Quando saí de Vitória já tinha 28 anos, já era psicóloga, especialista em Políticas Públicas, já estudava filosofia há uns dez anos, já tinha feito teatro, publicado meu primeiro livro de poemas, feito vários recitais, enfim, já me sustentava desde os 18 anos, era uma pessoa completamente adulta. No Rio estudei mais, mas o que de fato fiz foi me expor para pessoas melhores do que eu, isto foi decisivo em meu trabalho, os riscos que corri nesta cidade cheia de talentos, vindos de toda parte do país. Quando saí de Vitória foi para fugir da zona de conforto que aos 28 anos eu já tinha conquistado. Sou movida por choques, conflitos, detesto esta mania de viver em grupos que se auto elogiam todo o tempo, prefiro os desafios, gosto de conhecer e conviver com pessoas mais capazes do que eu.

Por Livia Corbellari



lavoura

por Gabriel Ramos



levo a vida vindoura
labutando palavras
letras pra baixo e pra cima
nessa tortuosa lavoura
de semear letras em troca de rima

FANTA POWC

MUITO POI

PRA EU SE

~~COMMUNTO~~

KONTINPO

KONTINSE

TANA GATE

MADONNE

MOSTRE T

RA QUE VOLT

R QUE **FU**

U DO

BOM DIA FOL
EU TRO
POEMA T

HA BRANGA

WEUM

RA HOE

DO ALTO DO MURO DESCOBRI
PRA QUE SERVE ARQUITETURA
PRA FICAR DO ALTO DO
MURO OBSERVANDO

RISCA RABISCA
RITMO APRESSADO
DÁ PREGUIÇA
DE ESTAR ARRISCADO

Se eu lembrasse o nome do filme, ele seria o título

Gabriel Ramos

De repente, tudo virou correria. Decido parar e arrumar a cama. Acordo e já é noite. Olho pela janela basculante e vejo o carro de cabeça para baixo no vidro. Me viro de cabeça para baixo; planto bananeira. Meus pés batem na viga: sou alto. Desisto. Calço o par de chinelos que range pelo piso de taco. É como o barulho decolocar água entre as mãos e apertar. Mas é também como o ranger da porta do guarda-roupa que me irrita todo dia. Me irrita tanto que resolvi colocar algumas roupas em cima da escrivaninha. Em breve compro uma arara e jogo o guarda-roupa fora. Não gosto de consertar, gosto de jogar fora. Passo pelo corredor e vejo o gato arranhar o sofá. Observo-o com atenção. Sento no chão e continuo a observar. Ele arranha como quem desdenha. Parece até que o vejo olhando de rabo de olho e rindo por dentro. Resolvo rir junto. Vejo que além de destruir o sofá, quase arranha o dvd com o filme que gravei pro feriado. Ufa. Cai a lâmpada da sala em cima da almofada do gato. Eu coloquei errado, preciso consertar. Pego o banco – também não sou tão alto assim. O banco tem as pernas bambas. Me lembro que comprei de um velhinho marceneiro que morava perto da minha casa, há alguns anos atrás. Ele tinha um bigode grande que sempre molhava de cerveja quando ia para o bar. Eu sabia sempre que ele estava bêbado só pelo bigode encharcado. Sua esposa era muito bonita. Uma senhora com cara de italiana. Acho que era italiana. Ela veio do sul, mas não sei se ela era italiana. Os dois se mudaram ano retrasado e já sinto saudades. O banco não resiste e quebra. Meu chinelo peca. Caio em cima da TV que quebra. É feriado. Adeus filme. Adeus chinelo. Adeus banco.



Desenho: Gabriel Ramos



por
Lucas Pinhel

19:42

À mando do amor
Amando ser mandado
Morri

Às 19:42
Na hora exata



Meretriz

Mero me metes teu prazer
De gemido ainda instrumental

Pare de se inventar
Desnuda-te

O chuveiro é quente
Enxague-se de mim
e dos cigarros alheios
Diga que me ama
De mãos frias
E encoste a porta quando sair



Baile

De decote
E vestido ruço
Me chame para dançar

Prometo pisar em seus pés



Saudecer

Significado de Saudecer

Fig. Morrer de saudade por algo ou alguém.

Carecer, sentir demasiada falta.

O rapaz, apesar de jovem, saudece pela sua amada.

Sinônimos de Saudecer

Saudecer: nostalgia, carência e amor.

Conjugação do verbo Saudecer

Tipo do verbo: regular

Infinitivo: saudecer

Gerúndio: saudecendo

Particípio passado: saudecido

Anagramas de Saudecer

recedusa

saucerde

cersaude

decersau



Apreço

Me sentindo falso

Virei do avesso

Tinha etiqueta

Cortesia #1

“Meu filho também gosta desses livros complicados”, disse o senhor. Não digamos anti-social, mas minha simpatia – ainda mais a matinal – é um erro crasso. “De quem é este?”, insistiu. Em um lampejo, respondi que era o segundo livro da coletânea de poesias de um autor sueco que eu gosto muito, Adam Sandler. “Vou indicar o escritor pra ele, parece ser bacana. Adam o que mesmo?” Smith, completei. Para aproveitar a mesma vanguarda literária, além do trânsito habitual que não fazia passar meu tempo, indiquei também os romances de Rob Schneider. “Ótimos”. O sorriso do senhor que chegaria em casa com boas novas era encantador.



AS BORDAS DA LITERATURA

#1



DESABAFOS

POR SIDNEY SPACINI

Andanças pelo Pelourinho

Em seu vestido colorido, uma mãe carrega uma criança no colo, outra pela mão. Mais três vão acompanhando. Seu cabelo vai até o meio das costas, e está preso com um pedaço de pano estampado encardido vermelho. Bate na minha janela pedindo pro vidro abaixar. Pede trocados. O pano de fundo é o mar que um dia foi amante de Vinícius.

Praia de Itapoã. Condomínios de luxo pipocam na outra margem da rodovia. Sinal fechado, os carros esportivos ignoram a mãe e os filhos. Isso é Salvador. Não à toa senti, logo que pisei naquelas bandas, que voltaria pra lá tão logo pudesse. Traria mala, mulher e diploma. Ficava por lá.

Nas voltas pelo Pelourinho, lá pelas tantas, eu e minha mulher paramos para descansar (e haja pernas pra se andar naquele infinito) na entrada de uma das lojas. Portas de vidro fechadas, iluminadas apenas pelo sol escaldante que só a Bahia proporciona. Descobrimos se tratar de uma galeria. No melhor estilo de turistas culturais, fomos perguntar pelas redondezas o que havia ali. Sem sucesso. Deixamos de lado e nos jogamos pelos paralelepípedos simpáticos, e nos perdemos mais uma vez pelas ruas de lá.

Dois dias depois, mais uma visita ao centro histórico, mais acarajé, mais uma vez as portas da galeria fechada. Tentamos mais algumas vezes, em mais algumas viagens. Nada. Era questão de honra conhecer essa galeria. Alguns quadros pregados na parede – não dava pra vê-los direito – aguçavam nossa expectativa.

Um belo dia passamos na frente da tal porta de vidro. Havia um homem lá dentro. Eu e Carolina tentamos chamar a atenção do sujeito. Não estava dando muito certo até ele se levantar e acender um cigarro. Nesse ponto eu já estava batendo na porta e acenando de forma um tanto eufórica. Ele abre e se apresenta: Washington Arléo. Diferente do que parece escrito, a pronúncia puxa mais pro *Ar* do que pro *léo*.

◊ movimento de um artista só

Washington Arléo, baiano de nascimento. Cosmopolitano por necessidade. Vindo da Europa havia pouco, o artista passara um bom tempo montando aquele espaço que era um misto de galeria e atelier. Escolhera o Pelourinho por sua posição estratégica: a cultura se esbarra por lá. Não é a toa que aquele espaço dentre tantos nas movimentadas ruelas recheadas de turistas nos chamou a atenção.

Ainda chupando seu Hollywood vermelho, Washington nos deixou passear pelo ambiente. O rascunho de uma exposição poderosa. A força das palavras impressas no quadro, na fala e na pele do artista. Versos, verdades que ele diz para si e para o mundo. Citações misturadas na voz e nas mãos. Há textos por todos os lados. As obras carregadas de contestação.

Cada quadro impactava de forma única. Composições híbridas – colagem, tinta, padrões, textura, geometria e entropia.



Figuras humanas (algumas bem conhecidas) compõem junto a pinceladas nervosas sob e sobre elas. A palavra escrita à mão parece o acabamento de um intrincado processo de composição extremamente pessoal. Arléo descreveu sua obra como desabafos.

Arléo não pede desculpas ou licença às suas musas. Ele as expõe desavergonhadamente em fotos de Che, de Jorge Amado, de Villa-Lobos, de moças nuas ou de desenhos próprios. As imagens, muito além de expor os ímpetos, dialogam com suas reflexões. Não é discurso ali. Transcende a frase, a foto, a tinta. Seus quadros são poemas, contos, crônicas, biografias. Ao mesmo tempo não são nada disso.

Seus textos vazam o quadro. Estão impressos no corpo do autor. Literalmente. Ele nos mostra suas mãos, seus braços, e desabotoando a camisa, sugere que o padrão segue por todo seu corpo. São suas palavras de ordem, sua poesia. Tudo metodicamente organizado, ainda que de forma aparentemente aleatória, em tatuagens.

O papel não é o bastante pra ele. É muito branco, muito leve. O papel não foi feito pra durar. O quadro foi. O corpo é.

O dia já estava terminando, e os sacizeiros – como são conhecido os usuários de crack por lá – já começavam a se desentocar. Pra piorar a coisa, a polícia estava começando uma greve que frustrava nossos planos de passar a vida inteira no Pelourinho. Despedir de Arléo era um imperativo.

Ficaram seu telefone, e-mail, facebook e a impressão de um encontro único. Pra mim, ficou a ideia insistente de que aquele homem era um poeta que não se dava muito bem com lápis, caneta e papel. A literatura ali transbordava.



MEIA HORA DE CINISMO

Post-scriptum

Me deparo com mais um dos quadros de Arléo naquele espaço absurdo que era sua galeria em construção. Trazia a frase “Cinco minutos Sarcasmo” estampada em letras vermelhas pulsando ali na nossa cara. Fiquei incomodado. Arregalei os olhos. Pisquei até. Não conseguia desgrudar os olhos da tela. Enquanto ele conversava sobre o processo com Carol, eu olhava, olhava e não chegava à conclusão. Não sabia se devia achar alguma coisa ou não daquela figura desenhada de forma grosseira no quadro. Pesada demais. Fiquei ali e continuei sem saber o que fazer.

Contaminando minha cabeça, uma frase que ocupava mais espaço do que eu esperava dela. Letras desenhadas de forma muito exata. Desisti da obra. Ela não desistiu de mim. Continuei com ela na cabeça e cada vez que a recordo, parece estar um pouco mais nítida aquela figura junto à frase. Despedimos de nosso anfitrião e fomos pegar a condução. Dos quadros que vi naquela tarde, esse foi o que mais marcou. Não sei como ou porque. Só ficou. Talvez sua ironia fosse tão descarada, tão sincera. Extrema que era. Poderosa.

Arléo é um poeta físico. Da forma, da tinta. Sincero e múltiplo, citando e variando língua e tom de seus quadros. Fazendo como der na telha. Salve Washington. Prazer em conhecê-lo.



Elefantes

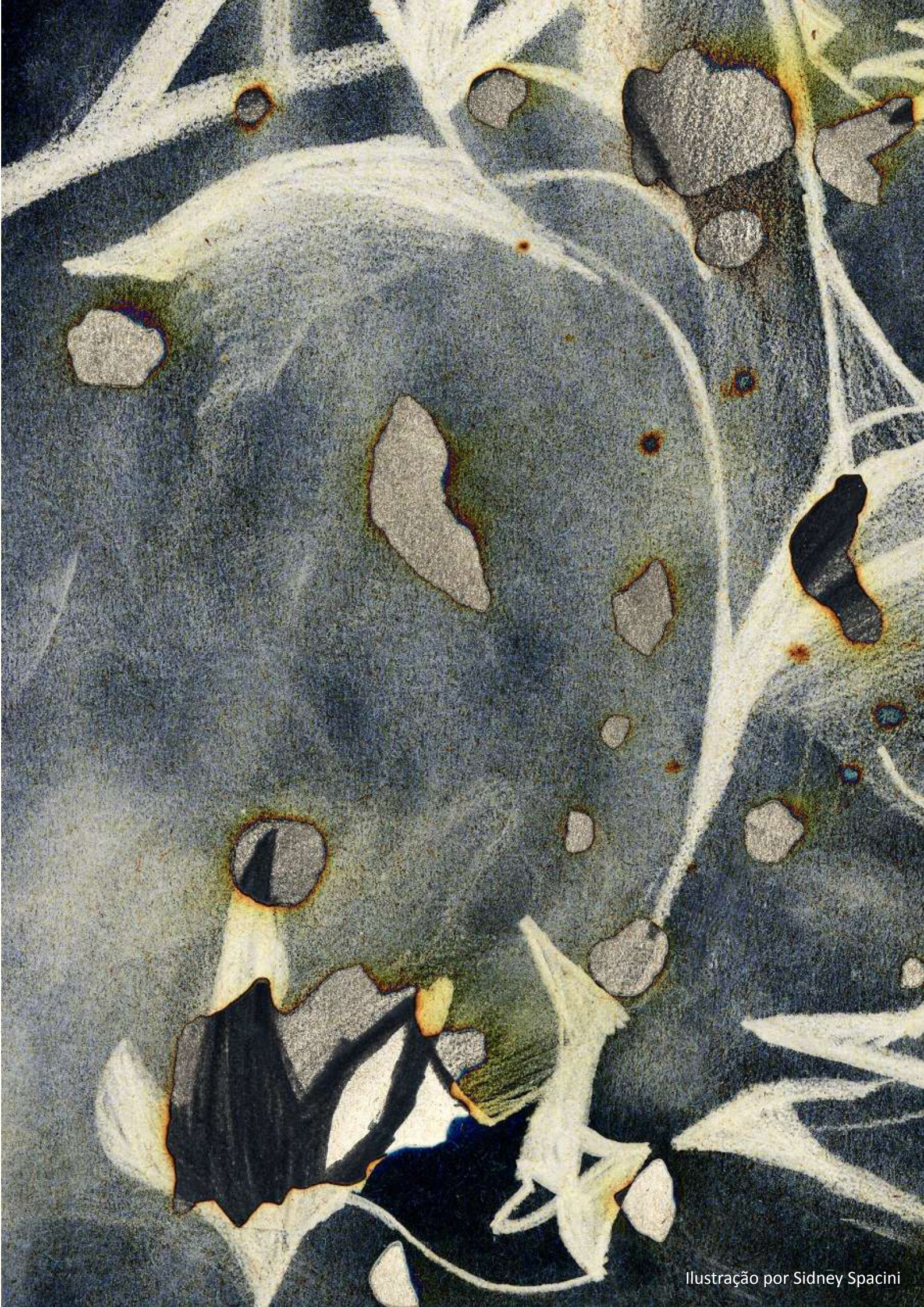
A sombra das coisas breves

por Sidney Spacini

O gosto de uma
fruta
é breve, quase que
segundos
sem deixar
rastros.
As pessoas que
se gosta
são breves
e se vão, podendo
voltar
ou não,
ou morrer, ou
não,
e as lágrimas secam
no rosto
não importa
quanto tempo passe.
O amor é infinito
e breve,
e some, e volta
e o ódio
desaparece.
O tempo
torna-se
só

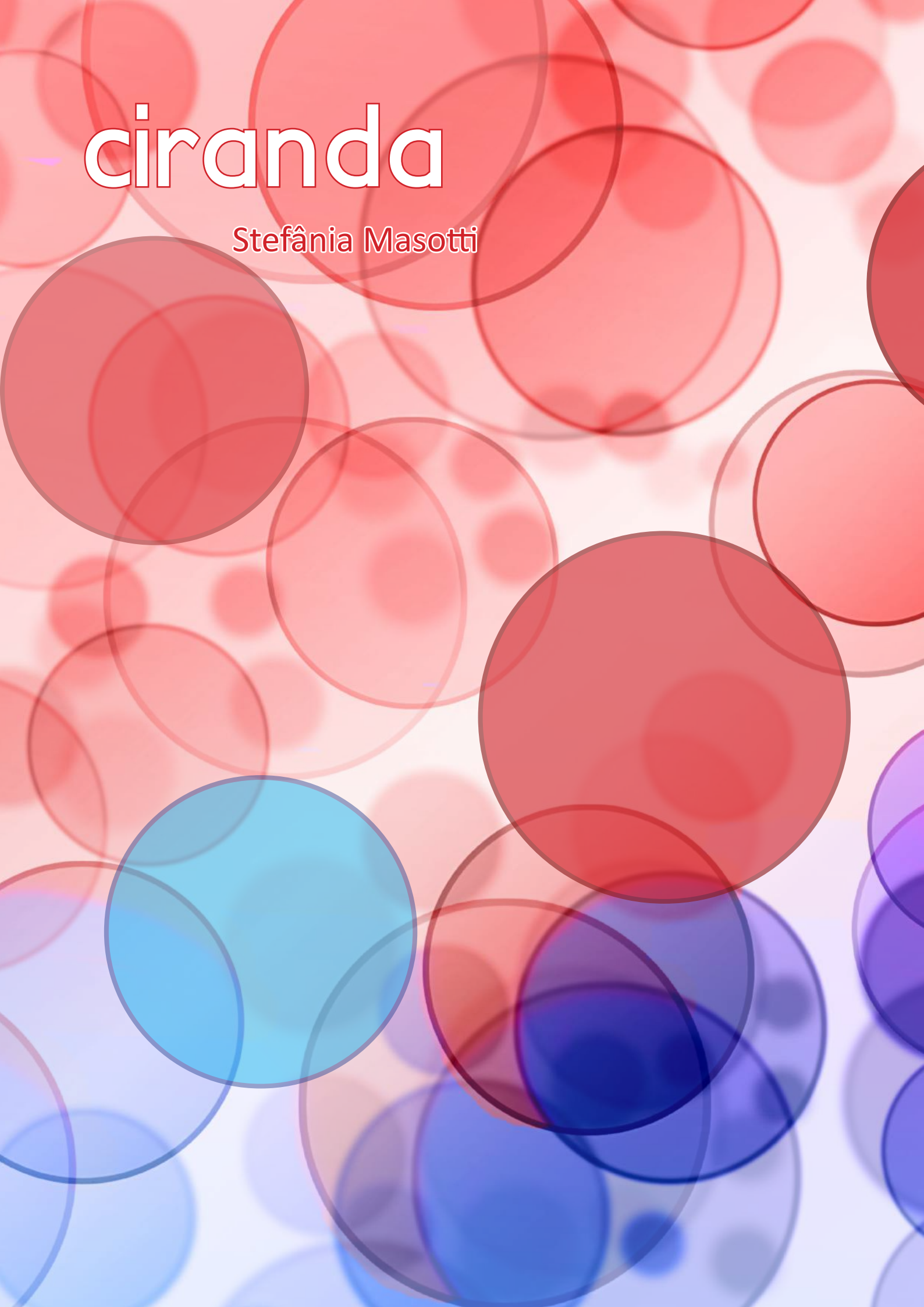
sombra.
O sonho
tateia o infinito
dura
pouco mais
que
um mísero
minuto.
Não satisfaz
só tem
vultos.
Gozo e desejo também
acabam
e o gosto
na cerveja, brevidade.
Infância, velhice,
sanidade.
Saudade
remorso mágoa tédio
não se sente por
muito
tempo.
Tudo vai
desbotando
sumindo.

Parece tão
importante
pra ficar
e ficar
mas some.
Só se lembra.
Lembrança
é sombra



ciranda

Stefânia Masotti



Fala entupida

ela guardou na garganta toda uma vida.
uma vida que ela queria ter vivido, mas não.
uma vida de coisas que ela queria ter feito, mas não.
uma vida de palavras que ela queria ter dito, mas não.
agora a fala entope a veia, pára o cérebro, enfraquece o coração
e o corpo dói.

o sangue precisa de espaço para circular.
sentimento precisa de espaço pra se perder.
fala precisa de ar pra ecoar.
e eu preciso de você.

põe pra fora toda essa vontade.
aprender a nadar, andar de bicicleta, andar, andar, andar.
andar quase correndo.
andar.
ir, ficar, achar o seu lugar.

se já é tarde, que anoiteça de uma vez.
se não adianta, que se acabe logo.
mas não é.
ainda há.
ainda ar.
ainda circula.
ainda bate.
ainda pulsa.
ainda impulsa.
ainda rebate.
e enquanto houver vida, voltarei.

Engov

rugas e retrocessos
disfarces desnecessários
máscara na felicidade
limitações

fugas e absessos
amor de atalho, penduricalho
fuga a cidade
extrapola ações

perdão consentido
identificação penal
condenação e abrigo
paternal

pensamento retido
retiramento dos excessos penalizados
do que mentes, do que minto
aval.

Sofisma

pega ele!
pega ela!
pega!
pega!

peguei
ele
e ela
fora outros
que ele pegou
que ela pegou
e eu beijei.

pega
mais
mais
pega!!!

pega
um
dois
três
ao mesmo tempo

a carne vai,
adora, entra na dança.

e o coração pára.

pega
pega
e paga.

DOSSIER





ARTIFÍCIOS: ARLINDO CASTRO

CURADORIA: MARCEL MARTINUZZO



RITUAL "NOS ENTRAILLESONT TRANSPARENTES
COMMELESPROTOZOAIRES" TZARA

há um espaço desconhecido
obscuro em faíscas

eu fico aqui
entre janelas fechadas
relógios quebrados
chaves

eu& eu
eu porque em tórno
de meu olho esquerdo
& meu olho direito
a areia rola

chapéus sem cabeça
a ronda dos ramos sem árvores
manhãs sem côr

abôcavôa
para comer os lábios

os gritos não são mais que um gemido

a lógica se perde em um canto
onde dorme um cão cego
o cão sonha caminhos
que não conhecemos

ao lado
a gazela do cérebro corre
em direção a mim mesmo

lugar nenhum
num trecho de meu cabelo
uma criança brinca
com alguns olhos verdes
que temem árvores & mãos

hotéis balançam
no centro de um ventre
acompanhando
os espasmos do dinheiro

não há ônibus para o céu -
eu procurava um na noite
quando ví estrêlas com rabso
matando o mar

uma rua com luzes vermelhas
desvanecia em meu cérebro -
agora ela explode



CUMPLICIDADE

por vezes, o movimento de nossos vasos sanguíneos mais submersos contém formações, esbôços rochosos de uma enorme estrada - insustentável & extremamente volátil. quando captamos as referências fatais dos membros definitivos que vemos constantemente sôltos - voando sôbre essa superfície de côr escura, intercalada de musgos, chocolate & cinzas de algum corpo desejado, as convulsões dos nossos órgãos menos dissecáveis começam a partir no meio as inevitáveis obsessões & genitais desconhecidos. nêsse momento, o ritmo imprevisível de infinitos sublimes unido à constatação de que não sentimos mais medo, deixam em nossa bôca lagos paralelos, fascinantes, cujas margens estão cobertas de pólen & com sangue - extraído, certamente, de todos os prolongamentos inevitáveis / de meu corpo.





DECOMPOSIÇÃO

● A merda é um composto intercalado de saudações, desesperanças & gravidades cíclicas, que provoca nos vegetais mais escuros uma espontânea reação de pânico & repugnância encravadas em algum trecho mais subterrâneo de cavidades inundadas de esperma

por mais que as voltas se repitam, chegamos invariavelmente a um entrepôsto volátil de conteúdos magmáticos & sanguíneos, onde começa a ser visível uma decomposição uma composição de fetos melancólicos & nuances hipodérmicas - anunciando o desagregamento dos órgãos genitais & os espasmos geométricos das masturbações coletivas.

ASCENSÃO

um contrabaixo sobrevôa
uma estrutura incestuosa
& atinge
novas asas luminosas
que abortam espaços gelatinosos

dois sons & um corpo

uma mancha de gelo
sôbre sombras de olhos
explode os pratos
de um quadro

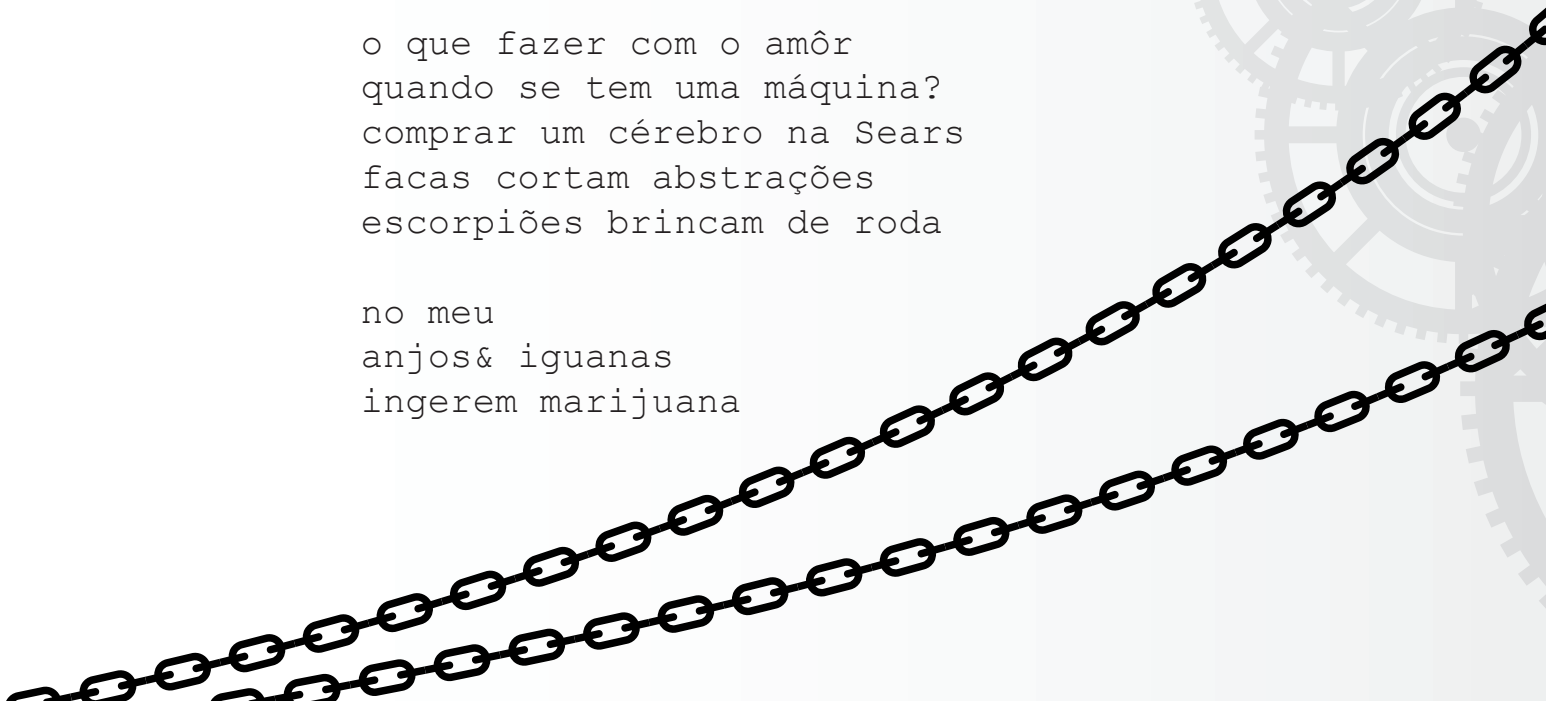
ao redôr
uma recente concepção de fetos
em um lago de vidro
queima a luz através da fumaça

grávida
a humanidade observa
os pescoços das cegonhas
sendo guilhotinados
por falta de imaginação &cia.Ltda.

não há perigo
a ciência não tem pescoço
seus pais sim
uma paternidade sem orgasmo

o que fazer com o amôr
quando se tem uma máquina?
comprar um cérebro na Sears
facas cortam abstrações
escorpiões brincam de roda

no meu
anjos& iguanas
ingerem marijuana





ECLIPSE

A RONALDOALVES

o impulso chega
para o abandono da tentativa
de inserir palavras em cadáveres

descem os sons
para acompanhar árvores em procissão precipitada
por lugares desconhecidos como a verdade dos animais

sentimentos rondam
vagas esculturas lindas
ao acaso transversal
do coágulo claro do sol

fetos compram lâmpadas
& automóveis divagam em favelas

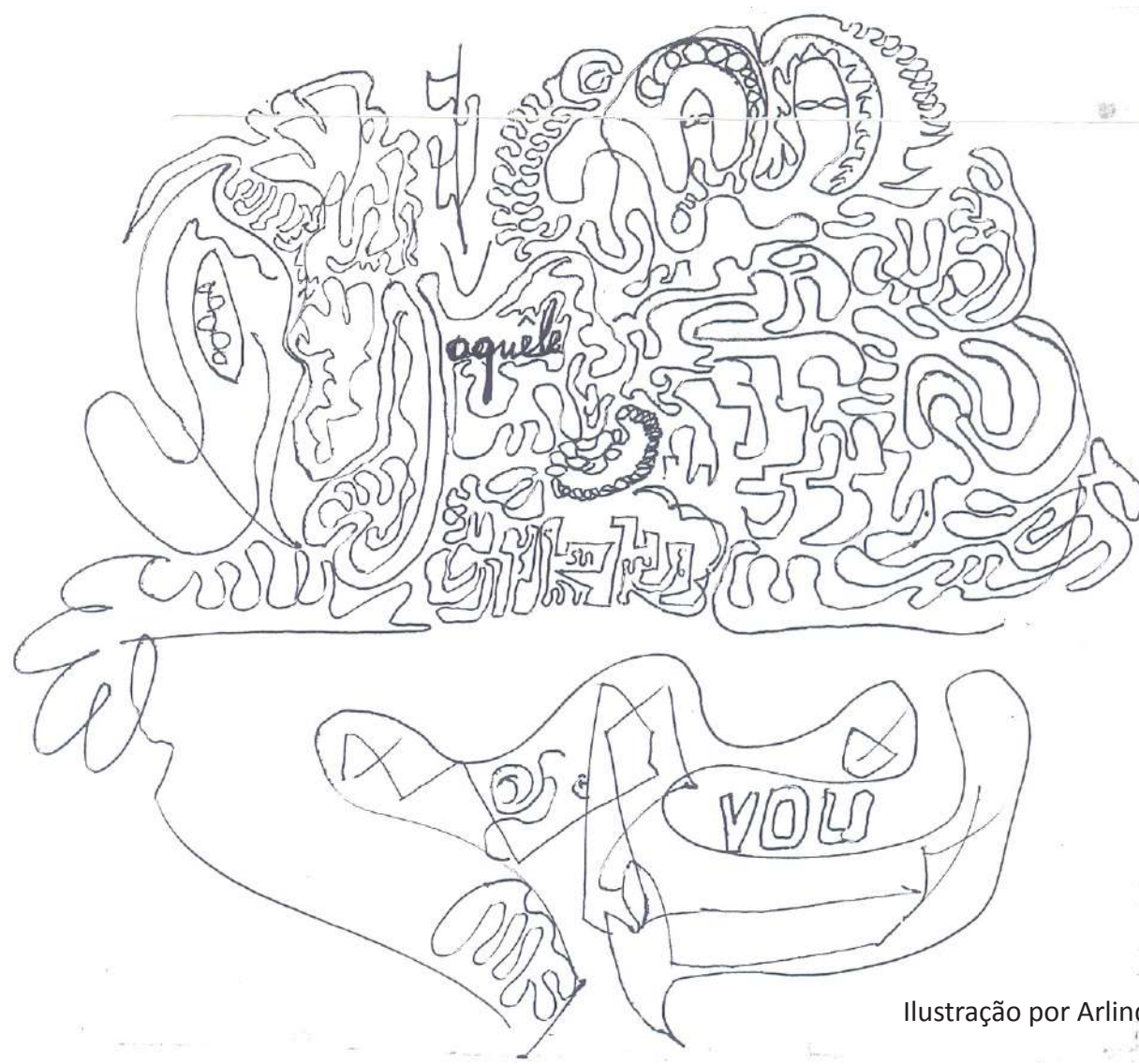
dizer é uma libélula
na promiscuidade das turbas
porque
as pirâmides são a consequência mais evidente dos
arranha-céus
o homem a consequência mais obscura da máquina

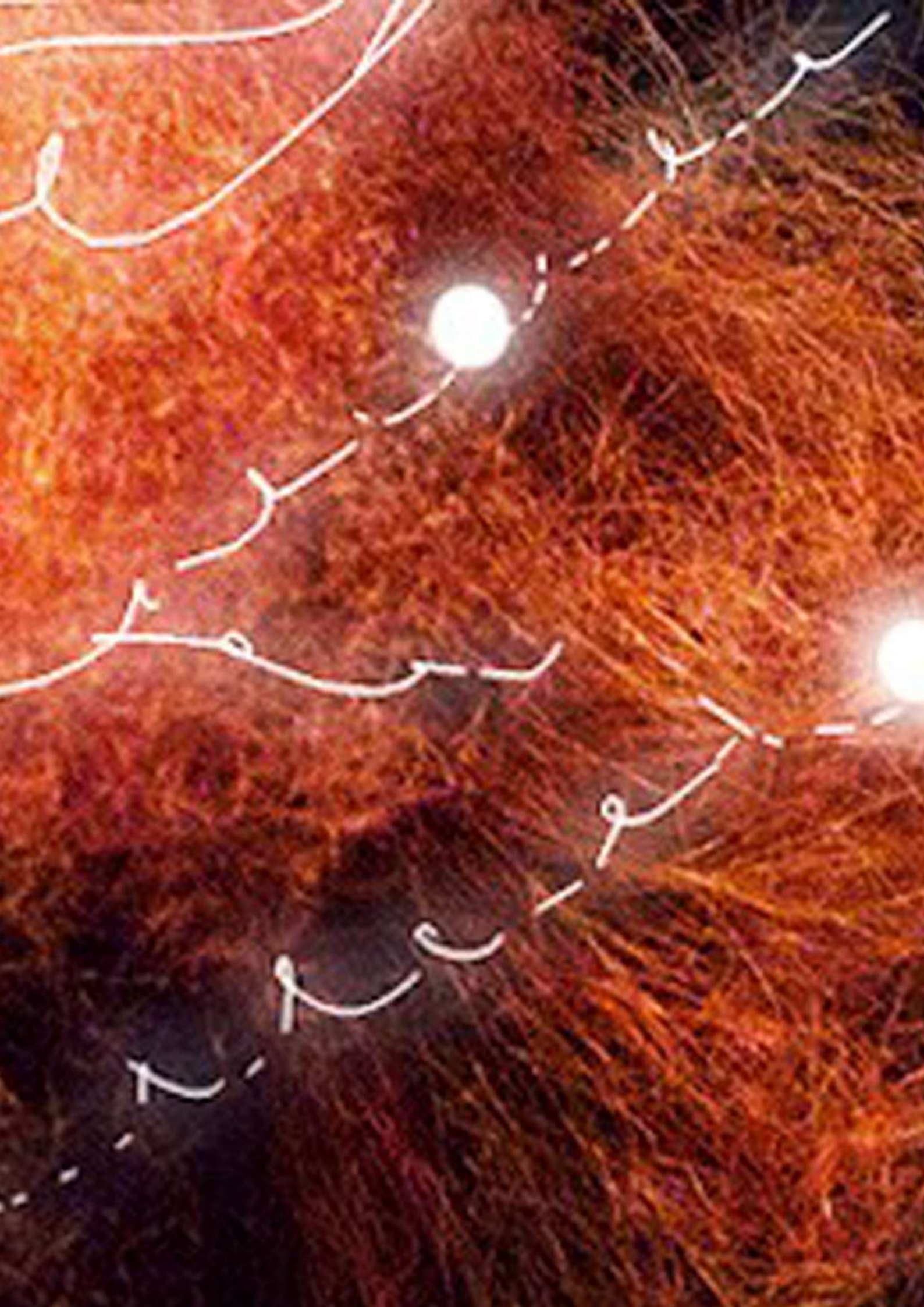
KOAN_COM INTRODUÇÃO SOMBRIA

traços mosqueteiros
encaminham as referências da fumaça
à esquina circular do paraquedista

sapatos escorregam
sobre trechos de linhas
na confirmação da gula

& o que você fará
comesse sino?
beberei o som







Volta

por Marcel Martinuzzo

Viço

Nossos braços abertos
Todo o tempo abertos
Cheios de vigor e de virtude...
Eles abraçam os mesmos sonhos
A cada verão
Para deixá-los ir embora à estação seguinte
Do mesmo modo que chegaram
Tal como sempre foram
E sempre serão.

Nossos braços abertos
Todo o tempo abertos
De madeira:
A parte que cai faz inveja
Em tudo o que fica.

Mol de meninos

Impalar um mol de meninos
e encher as piscinas de Muna desse sangue.

Impalar um mol de meninos de verdade.
Isso não é uma metáfora.

E encher as piscinas de Muna desse sangue
: meus lentos saltos mortais.

Ossos de grafite

om o perdão de Simone de Beauvoir e de uma outra

Seu corpo é duro como o chão é duro.
É como cair quinze vezes em pedra de rua
fraturar em quinze pontos diferentes
e não se arranhar vez nenhuma.

Seu corpo é duro como o chão é duro
e é implosivo como areia movediça:
cada vez menor e mais forte
mais forte e menor e sempre novo
: suave é a sua demolição.

Seu corpo é implosivo como areia movediça.
E mesmo assim, quando você mostra os dentes
quando o seu esqueleto finalmente se revela
o branco que há nos seus amarela os meus.

SARAU #1

08/03/2012

O primeiro Sarau do Cronópio, intitulado provisoriamente de Noite Cultural, aconteceu numa quinta-feira e foi uma tentativa de produzir um evento de artes integradas, além da literatura, música e audiovisual. Contamos com alguns convidados como os escritores Saulo ribeiro, Aline Yasmim e Wladimir Cazé, os apresentadores do programa de rádio Vice e Verso, Jamille Ghil e Ítalo Galiza, e a atriz Margareth Galvão.

A partir dessa experiência produzimos em seguida o sarau Atrocidade!, que contou com a performance de Rubiane Maia.



Jamille Ghil e Ítalo Galiza

O coração, se pudesse pensar, pararia. A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta senão, como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino?

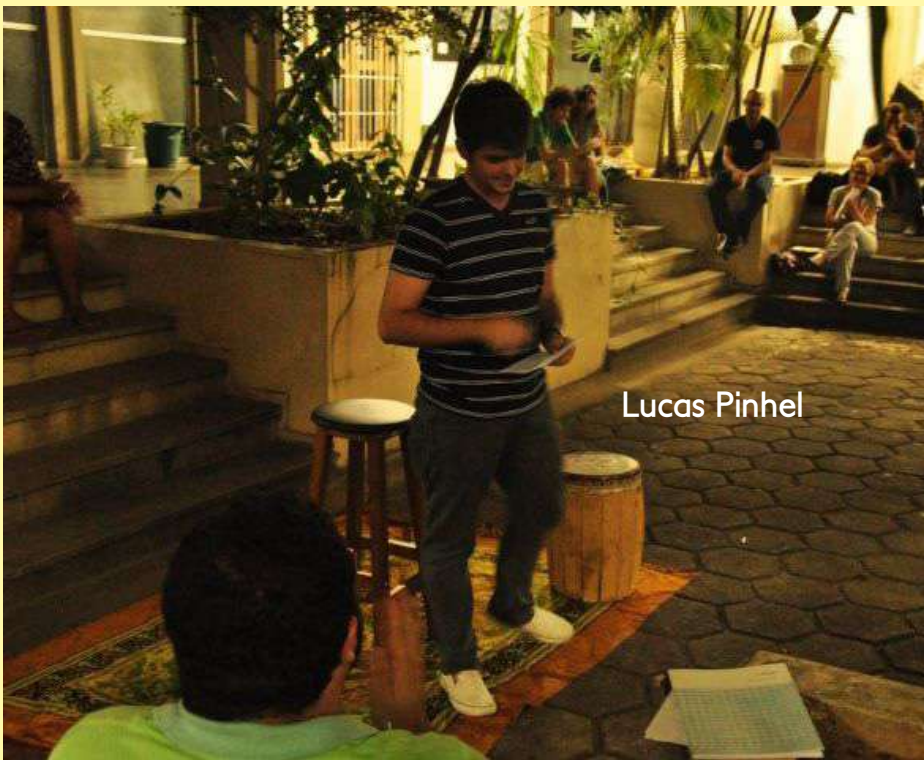
Fernando Pessoa



Saulo Ribeiro

eles estão lá fora
ganhando dinheiro:
juízes, carpinteiros,
encanadores, médicos,
jornaleiros, guardas,
barbeiros, lavadores de carro,
dentistas, floristas,
garçonetes, cozinheiros,
motoristas de táxi...
e você se vira
para o lado pra pegar o sol
nas costas e não
direto nos olhos

Charles Bukowski



Lucas Pinhel

De decote
E vestido ruço
Me chame para dançar

Prometo pisar em seus pés

Lucas Pinhel



Margareth Galvão

De um espermatozoide provavelmente
embriagado
e de um óvulo neurótico:
nasci.
Cresci na violência.
Uma vida de merda!

Margareth Galvão



Wladimir Cazé

arrasto o que rasga essa história
atravesso estradas
que se estendem à minha frente
atravesso olhos
alheios para os lados
atravesso portas
que se trancam a cadeados

Wladimir Cazé

Quando os cronópios saem em viagem, encontramos hotéis cheios, os trens já partiram, chove a cântaros e os táxis não querem levá-los ou lhes cobram preços altíssimos. Os cronópios não desanimam porque acreditam piamente que essas coisas acontecem a todo mundo, e na hora de dormir dizem uns aos outros: “Que bela cidade, que belíssima cidade”.

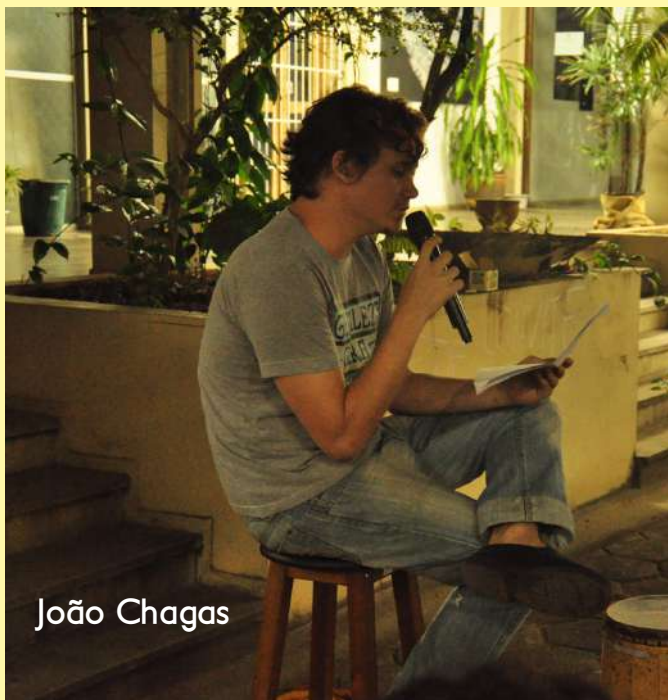
Julio Cortázar



Erly Vieira Jr



Guilherme Rebêlo



João Chagas

A Rita levou seu sorriso, e junto com ela meu asseio.
Usava lenço no pescoço pra cobrir as marcas,
dentes polidos pra chamar qualquer papo.
Usava perfume bem fraquinho pra dizer que era natural,
as mãos e lábios com toda a habilidade que a língua podia dizer.
Rita usava os olhos bem claros
e a bunda como patuá.
Ninguém tinha força contra ela,
santo bom e bem suado.

João Chagas

No centro da sala,
diante da mesa,
no fundo do prato,
comida e tristeza.
A gente se olha,
se toca e se cala
E se desentende
no instante em que fala.

Belchior



Sidney Spacini



Gabriel Ramos

a palavra
ida assim
pela boca desaba
deságua
abre minha língua
num instante
em poesia falada
como numa vasta ilha
molhada de tanta
saliva

Gabriel Ramos



Aline Yasmin

brilham o chão e o céu em mil estrelas
vivas que queimam meu peito insone
quero sobreviver à alegria monótona do
dia-a-dia
quero macarrão aos domingos
comer pão na padaria
quero um gole de cerveja quente
quero o óbvio

mil demônios me perdoem por preferir
bebida gelada – quente

Aline Yasmin



Leandro Reis

Você nada aprendeu, a não ser que a solidão nada ensina, que a
indiferença nada ensina: era um engodo, uma ilusão fascinante e
enganadora. Você estava só e eis tudo e queria proteger-se; que
entre o mundo e você as pontes estejam para sempre rompidas.
Mas você é tão pouca coisa e o mundo é uma palavra tão grande.”

Um homem que dorme

Georges Perec

peças às vezes adoecem de gostar de palavra presa
palavra boa é palavra líquida
escorrendo em estado de lágrima

Viviane Mosé



Livia Corbellari



Marcel Martinuzzo

é um vão artifício do cuidado,
é uma flor ao vento delicada,
é um resguardo inútil para o fado:

Sóror Juana

Tire o relógio. Deixe cada segundo
passear a cada segundo. Como a
onda que não adianta apressar, res-
peite seus cotovelos. Você já sentiu
eles hoje? Pele morta, enrugada,
sem sentido, mas reconhecido como
ponto da dor que mais dói.

Stefânia Masotti



Stefânia Masotti

Dúvidas?

Críticas?

Sugestões?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano? Envie seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

contato.graciano@gmail.com

Ou acesse nossa página no Facebook:

facebook.com/cronopioufes

Os cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, facebook ou mesmo por email para os seus amigos!



Colaboraram com esta edição:

Erly Vieira Jr.

Gabriel Ramos

Leandro Reis

Leticia Comério

Livia Corbellari

Lucas Pinhel

Marcel Martinuzzo

Sidney Spacini

Stefânia Masotti



COMUNICAÇÃO
IMAGEM
AFETO

